

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA SOUZA DE OLIVEIRA

**A DENÚNCIA NO ANTAGONISMO MASCULINO EM *ÚRSULA* DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

CURITIBA

2023

AMANDA SOUZA DE OLIVEIRA.

**A DENÚNCIA NO ANTAGONISMO MASCULINO EM *ÚRSULA* DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

**THE DENOUNCEMENT IN MALE ANTAGONISM IN *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA
DOS REIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras português da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Rogério Caetano de Almeida.

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

AMANDA SOUZA DE OLIVEIRA

**A DENÚNCIA NO ANTAGONISMO MASCULINO EM *ÚRSULA DE MARIA*
FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras português da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 20 de junho de 2023

Rogério Caetano de Almeida

Professor Doutor de Literatura Brasileira da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Daniele Santos

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do
Paraná
Universidade Federal do Paraná

Cristiano de Sales

Professor Doutor de Literatura na Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

CURITIBA

2023

Dedico este trabalho à minha família, professores e amigos presentes e ausentes.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho busca em seu âmago a visibilidade de uma mulher que teve sua história apagada durante anos. E é com essa premissa que dedico e agradeço primeiramente à minha avó Maria Delfina Miranda de Souza quem me ensinou como é ser vista pelo que sou, como é ouvir alguém que viveu à margem e principalmente sobre a importância de dar voz aos que tiveram sua história silenciada pela história.

E a partir da minha própria voz também dedico estes escritos à minha irmã Ana Julia e aos meus pais Arivaldo e Sandra, também aos amigos e a todos os meus professores.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida e ao Prof. Dr. Roberlei Bertucci Alves, pela sabedoria com que me guiaram nesta trajetória.

Aos meus colegas de sala.

À Secretária do Curso, pela cooperação.

Que displicência! não desperta um' hora!
Já não tem sonhos, nem já sofre dor...
Quem poderia despertá-lo agora?
Somente um ai que revelasse – amor.
(Maria Firmina dos Reis. 1871).

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como principal objetivo averiguar a denúncia e a crítica social na obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, feita por meio do arquétipo de *pater-familias* do antagonista principal, Comendador Fernando P., um retrato falado dos vilões tiranos brasileiros na realidade oitocentista. Também, objetiva dar luz à Maria Firmina, uma brilhante autora do século XIX que foi marginalizada durante um longo período, não recebendo o devido prestígio que merecia pela sociedade acadêmica, por ser pioneira em diversos aspectos literários como: primeira mulher negra a escrever um romance e por retratar e criticar em suas obras as dificuldades vivenciadas pelos negros e pelas mulheres. Pretende-se levar em conta, também, a tradição em que *Úrsula* se insere, o gótico feminino. Para tal feito, a pesquisa alinha-se às proposições de David Punter (1996) e de Fred Botting (1996) sobre o gótico, as pesquisas feitas por Muzart (1999) sobre a literatura brasileira de autoria feminina. Além disso, este trabalho tem base nos estudos de Ana Paula Araújo dos Santos (2017) e Maurício Cesar Menon (2007) com suas pesquisas a respeito da vertente feminina do gótico no Brasil.

Palavras-chave: autoria feminina; escritoras góticas; Maria Firmina dos Reis; literatura brasileira.

ABSTRACT

This research work has as main objective to investigate the denunciation and social criticism in the work *Ursula* by Maria Firmina dos Reis, made through the archetype of *pater-familias* of the main antagonist, Comendador Fernando P..., a spoken portrait of the villainous Brazilian tyrants in the nineteenth-century reality. It also aims to give birth to Maria Firmina, a brilliant 19th century author who was marginalized for centuries, not receiving the due prestige she deserved by academic society, for being a pioneer in several literary aspects such as: the first black woman to write a novel and for portray and criticize in their works the difficulties experienced by blacks and women. It also intended to take into account the tradition in which *Ursula* inserted the feminine Gothic. For this purpose, it aligns with the propositions of David Punter (1996) and Fred Botting (1996) about the Gothic, the research carried out by Muzart (1999) on Brazilian literature by female authorship. In addition, this work has been based on the studies of Ana Paula Araújo dos Santos (2017) and Mauricio Cesar Menon (2007) with their research on the feminine aspect of Gothic in Brazil.

Keywords: female authorship; gothic writers; Maria Firmina dos Reis; Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O GÓTICO.....	15
2.1 O gótico no Brasil.....	18
2.2 O gótico por mulheres.....	20
3 QUEM FOI MARIA FIRMINA DOS REIS.....	22
4 ANÁLISE DA OBRA	23
5 OS PROTAGONISTAS	30
5.1 Úrsula, a donzela.	31
5.2 Susana e Túlio, os escravos	33
6 O VILÃO E A DENÚNCIA	36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa que tem como objetivo geral averiguar a denúncia de Maria Firmina dos Reis à tirania dos coronéis em posição de *pater-familias* que valiam-se da posição social e econômica para cometer atos de violência racial e de gênero por meio dos elementos góticos presente no antagonista da narrativa. Também busca, como objetivo específico pontuar os elementos góticos na obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, analisar as personagens principais da narrativa e principalmente trazer e analisar os elementos góticos presentes no papel do antagonista que conferem a crítica social.

Além disso, este estudo apresenta uma pesquisa que contribuirá para futuros trabalhos acadêmicos na área de literatura e de estudos sobre o gótico, fornecendo informações e visibilidade a uma obra marginalizada de extrema importância para a literatura brasileira.

Para empreender a pesquisa, dividida em oito capítulos - estruturados em: introdução, desenvolvimento, conceitualização da literatura gótica e análise dos personagens - foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, concebida por Marconi e Lakatos (2003) e Gil (2002), elencando, analisando e interpretando textos necessários para a conclusão do documento. Também foi necessário o uso de reflexões sobre literatura comparada de Tânia Franco Carvalhal (1986) para interpretar a obra da Maria Firmina dos Reis como pertencente ao gótico.

O século XIX foi marcado pela independência do Brasil e sobretudo pela escravidão e pelo patriarcalismo. Nesse excludente contexto, há a predominância de escritores brancos na literatura brasileira oitocentista, os quais além do apoio social contavam com o apoio financeiro de suas abastadas famílias para a publicação de suas obras.

Participavam majoritariamente desse seleto grupo de escritores, grupo construído pelos preconceitos étnicos e de gênero, oriundo do patriarcalismo, que vedava mulheres, mesmo que com condições financeiras, desses círculos literários. As poucas que ousavam enfrentar esse “universo masculino” eram colocadas à margem e invisibilizadas, até mesmo hostilizadas nos folhetins de época.

Paralelo a este entrave, nasce a escritora Maria Firmina dos Reis que enfrentou o segregacionismo da época. Mulher negra, Maria Firmina surge no interior do Maranhão, e além de fundar uma turma escolar mista, sem separação de gênero entre os estudantes, escreveu seu primeiro romance em 1859, tornando-se pioneira da literatura gótica feminina brasileira oitocentista.

Como era de costume, Maria Firmina assinou seu romance inaugural com o pseudônimo “Uma maranhense”, expondo o silenciamento e a coerção a que eram submetidas as mulheres. O que se confirma no prefácio de sua obra *Úrsula*:

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (MARIA FIRMINA DOS REIS, 1988, p.11)¹.

Neste trecho é possível perceber o tom de descontentamento da autora através da irônica desculpa, o que confere sua consciência acerca do excludente mundo literário em que estava ingressando com *Úrsula*.

Sua obra também expõe a crítica ao coronelismo, principalmente a figura do pater-famílias que se vale do seu poder social e econômico para cometer atos de violência contra os negros e as mulheres.

A partir dessa problemática, surge a crítica da autora à tirania desta parcela da sociedade por meio do vilão gótico.

2 O GÓTICO

O romance gótico surgiu na Europa no século XVIII, desmembrando-se na literatura de Literatura de Terror/Horror, na Literatura de Mistério/Suspense, nas Histórias de Fantasma, no Conto Policial e, nas Narrativas de Ficção Científica (Menon, 2007). Categorias que evoluíram com o passar dos anos, até o século XXI.

Tais textos góticos, no entanto, parecem entrar na contramão do romance de costumes devido ao caráter transgressor que irão assumir no decorrer de sua evolução, embora muitos deles ainda tenham certo tom moralista. A princípio, tais textos, mais especificamente as narrativas, respondem aos ideais da Revolução Francesa, da Revolução Industrial e do emergir das massas na Europa, ao fazerem apologia contrária à tirania exercida por nobres – algo já perceptível em *O Castelo de Otranto* (1764) de Horace Walpole, considerada genericamente como a primeira narrativa gótica (MENON, 2007, p. 23).

Conforme escreve Menon (2007) sobre *O Castelo de Otranto* (1764) em sua tese de doutorado “Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932” que traz à luz textos reconhecidos e não reconhecidos, analisando o gênero gótico e suas configurações em cada obra do século XIX ao século XX. Tal tese contribui para as pesquisas sobre a literatura gótica neste documento.

O Castelo de Otranto é a primeira narrativa gótica de modo geral, é por meio desta que a literatura gótica se populariza como uma forma de crítica à tirania das figuras de autoridade.

No romance de Walpole (1764), de ambiente medieval, bárbaro e sangrento, há a crítica à vilania do vilão e antagonista, que exerce de seu poder e status social aristocrático para ter em suas mãos a donzela. Este padrão de representação e crítica às figuras patriarcais se repetirão ao longo dos séculos na literatura gótica, como em *Úrsula*, conforme será verificado ao longo desta pesquisa. Também, é por meio dos elementos góticos como antagonista da obra o próprio sobrenatural que esta crítica irá se consolidar, uma vez que ao longo desta narrativa há constantemente a presença de figuras sobrenaturais como fantasmas, corriqueiros nas obras góticas, que ao longo dos anos representou este padrão de diferentes formas ou diferentes vilões, com o mesmo objetivo de crítica, porém atendendo às circunstâncias de cada época,

como na obra de Maria que critica a tirania no coronelismo brasileiro Conforme consta no trecho a seguir:

Ele tornara-se odioso e temível aos seus escravos: nunca fora benigno e generoso para com ele; porém o ódio e o amor, que lhe torturavam de contínuo, fizeram-no uma fera – um celerado. Nunca mais cansou de duplicar rigores às pobres criaturas que eram seus escravos! Aprazia-lhe os sofrimentos destes; (...) (MARIA FIRMINA DOS REIS, 1988, p. 98).

Gothic, obra escrita em 2014 por Fred Botting, que oferece uma introdução concisa, lúcida e de fácil acesso sobre o gênero, oferece uma ampla visão dos temas, que perduram e reaparecem na cultura popular e não apenas definem tal gênero, desenvolvendo a prática literária transgressiva que prosperou por mais de dois séculos. *Gothic* traça a história do gênero gótico desde suas origens no século XVIII, dando ênfase às figuras que são recorrentes durante toda a trajetória do gênero, como os elementos das trevas. Sendo um estudo essencial aos estudos e conceitualização da literatura gótica.

Botting explica: “A lista [de convenções] cresceu, no século XIX, com a adição de cientistas, pais, maridos, loucos, criminosos e os monstruosos duplos significando duplicidade e natureza maligna.” A natureza maligna do vilão gótico em *Úrsula*, sustenta-se na convenção do vilão da época: o coronel escravagista.

O gótico se desenvolve com temas obscuros como a morte, os sonhos, a insanidade e o satanismo, temas ligados “As Trevas”. Conforme Fred Botting, um dos mais importantes estudiosos da literatura gótica afirma:

As Trevas — uma ausência da luz associada aos sentidos, à segurança e ao conhecimento — caracterizam as aparências, os ânimos, as atmosferas e as conotações do gênero. Os textos góticos são, declaradamente, porém de modo ambíguo, irracionais, retratando distúrbios de sanidade e de segurança que vão desde crenças supersticiosas em fantasmas e demônios, demonstrações de paixões incontroláveis, emoções violentas ou o fantasioso até retratos de perversões e obsessões. Além disso, se o conhecimento está associado a procedimentos racionais de indagação e entendimento baseados na realidade natural e empírica, então as convenções góticas perturbam as fronteiras do conhecido e conjuram fenômenos sobrenaturais obscuros, as “Artes das Trevas”, formas alquímicas, arcanas e ocultas normalmente caracterizadas como ilusão, aparição, engodo. Desconectados de uma ordem natural das coisas preconizada pelo realismo, os vãos de imaginação góticos

sugerem a possibilidade do sobrenatural, o mistério, o mágico, o maravilhoso e a monstruosidade (BOTTING, 2014, p. 2).

Para Botting, tais características são incitadas pelo Iluminismo, cujo os princípios vigentes eram a busca pela luz e pela razão. Conforme dialoga Alegrette sobre Botting:

Fred Botting afirma que o Iluminismo, além de ter criado os principais modelos de pensamento da cultura moderna, também inventou o romance gótico. Mas acima de tudo, este movimento intelectual artístico-filosófico, que teve seu surgimento na França, pode por si mesmo ser considerado uma reinvenção dos valores estéticos neoclássicos que dominavam a sociedade britânica da metade do século XVIII e início do século XIX, constituindo uma retomada consciente de idéias, que tiveram origem na tradição greco-romana (ALEGRETTE, 2010, p. 18).

Assim, ao valorizar o sobrenatural, a vertente gótica propõe a ruptura com os padrões valorizados na época como a razão e a moral. Reagindo ao pensamento neoclássico de organização e negação ao sobrenatural:

[...] reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão, o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa. (SANDRA GUARDINI VASCONCELOS, 2002, p. 122).

Ainda em Menon (2007) há o diálogo com Kilgour (1995, p.3). Este último afirma que “O surgimento do gótico no século dezoito é também interpretado como um sinal da ressurreição da necessidade pelo sagrado e transcendente em um moderno século iluminado que nega a existência de forças sobrenaturais, ou como uma rebelião da imaginação contra a tirania da razão”. Trecho que mais uma vez confirma a utilização da literatura gótica para expor a ideia de contrariedade à tirania e ao pensamento vigente Iluminista, que segregava o sobrenatural, elemento presente no cotidiano das pessoas e que movia o mundo até então.

Sendo então considerado o “oposto de clássico” (SANDRA GUARDINI VASCONCELOS, 2002, p. 120), pois se opõe ao padrão neoclássico do século XVIII e se associa ao bárbaro, caótico e irracional.

Em *Úrsula* há convenções góticas do sonho, especificamente o pesadelo de Úrsula com o vilão Fernando P.:

E ela fechou os olhos, mas na mente se lhe figurava constantemente aquele rosto severo, ardente, apaixonado, e ameaçador, aos ouvidos lhe retumbava o som da sua voz: – era como se ainda o visse, ainda o ouvisse, e ela desanimada e sem forças procurava desvanecer essa visão infernal. Depois de algum tempo de luta interna, exclamou: Oh! Que homem tão ousado, cujo olhar sinistro me amargurou a alma! Apareceu a noite rebufada no seu manto de escuridão, e a donzela supôs encontrar o sossego das trevas e no sono; mas trêmula e agitada no seu leito, invocava em balde o sono, que o fantasma se erguia mudo e impassível, e a sua mente alucinada dava-lhe movimento e voz, e ele blasfemava, e ameaçava, e sorria-se com sarcasmo. Os olhos chispavam fogo, e os lábios agitavam-se convulsos e os membros e o tronco pareciam cobertos de sangue.

E ela revolvía-se no leito, e o corpo tremia-lhe e o suor corria-lhe, e o peito oprimido ofegava: era um pesadelo insuportável! (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 81)

De fantasmagoria “Mas o fantasma aí veio persegui-lo; ele fechou os olhos, depois abriu-os para fitá-los sobre a donzela adormecida. E estremeceu.” (MARIA FIRMINA, 2018, p.128) e loucura “Então corria espavorido e louco, como se pretendesse fugir a si mesmo para escapar a tão pungente martírio, mas em balde porque a sombra de sua vítima o seguia impassível.” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 128) rodeadas pelo sombrio e pela morte em toda a narrativa. Características comuns ao estilo á que a obra pertence, por meio de seu gênero – o romance gótico – também configura-se a intenção de se opor ao clássico e recorrer ao sobrenatural para expor as mazelas sociais vigentes no século XIX.

2.1 O gótico no Brasil

A literatura Gótica brasileira se desenvolve junto à literatura nacional, com o Romantismo que priorizava elementos nacionais em suas estéticas literárias, em pleno movimento de Independência do Brasil, cujas necessidades consistem em formar uma literatura que exaltasse a nova pátria, ex-colônia de Portugal. Esta produção de cunho sobrenatural se desenvolveu primeiramente através de Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, que combinavam os elementos sombrios à realidade brasileira. E Azevedo, com sua obra intitulada “*Noite na Taverna*” foi o responsável pela inauguração da estética no país.

O cenário brasileiro do século XIX, apresentava-se promissor futuramente, com um presente repleto de inovações políticas, sociais e tecnológicas, mas com um passado sombrio. Essa é, segundo Bellas (2020), uma hipótese para o surgimento de tais elementos no romance brasileiro. Romances esses que não eram bem aceitos pela crítica da época já que implicam na fuga do lema do romantismo brasileiro sobre “dar cor”, exaltar as características do país, enaltecendo suas qualidades. E o gótico harmonizava os elementos sobrenaturais e as características sociais oitocentistas, expondo o horror e o terror da realidade no Brasil. Segundo Barros e Oliveira “o Gótico brasileiro pressupõe cenários e aspectos culturais do Brasil como pano de fundo para situações narrativas e personagens identificados com a literatura gótica” (BARROS; OLIVEIRA, 2017, p. 72) que analisa de maneira geral esses aspectos confluentes a esta estética literária.

No romance “Úrsula” (1888), esses elementos do sobrenatural são utilizados e, ainda, agrega à discussão a política coronelista e escravocrata do século XIX.

[...] podemos definir o gótico brasileiro como a confluência entre a estrutura formal da poética gótica e a(s) temática(s) características da realidade brasileira de um modo em que a primeira é efetivamente transfigurada pela segunda. Os elementos essenciais – o retorno do passado, a personagem monstruosa e o locus horribilis – seguem presentes, mas eles são adequados à representação de temas que concernem especificamente à realidade nacional. (BELLAS, 2020, p 8-9).

Por fim, Bellas em seu artigo “*Gótico brasileiro: uma proposta de definição*” de que forma essa fusão de elementos estéticos sobrenaturais e realistas sociais são incorporados nos romances brasileiros de vertente gótica. Tal análise dialoga com a forma como foi escrito o romance da pioneira autora de “*Úrsula*”, já que neste romance temos a personagem monstruosa, o Comendador Fernando P. - um exemplo do coronelismo - o locus horribilis, as fazendas - casa-grande e senzalas². Confluindo ao romance de Maria Firmina suas características de romance gótico brasileiro.

2.2 O gótico por mulheres

O Gótico Feminino, denominado por Ellen Moers (1976), surgiu na Inglaterra no final do século XVIII com as autoras Ann Radcliffe, Mary Shelley e as irmãs Brontë e no Brasil as autoras pioneiras do gênero são Maria Firmina dos Reis, Emília de Freitas e Ana Luísa de Azevedo Castro. As obras pertencentes a esta tradição exploram temas como a opressão, sexualidade, repressão, subversão de papéis de gênero, poder e identidade, características alinhadas ao interesse da mulher, abordando os mais variados tipos de violência de gênero sofridas pelas personagens, conforme Sá (2018, p.14) “[...] o modo gótico foi (e tem sido) uma forma de contestação social utilizada pelas mulheres, não apenas para falar de sua opressão, mas de sua emancipação [...]”. As autoras desse período frequentemente usavam elementos góticos, como castelos sombrios, ambientes sinistros, atmosfera melancólica, ameaças sobrenaturais e mistérios, para criar histórias que refletiam suas experiências e perspectivas.

Embora o termo *Gótico feminino* remete às escritoras mulheres, não é apenas o gênero do autor que o define, como explica Santos: “A distinção entre gótico feminino e gótico masculino não está exclusivamente relacionada ao gênero do escritor. Assim, é possível identificar elementos do gótico feminino mesmo em obras de autoria masculina” (SANTOS, 2017a, p. 57-8). Sendo esta tradição caracterizada pela trama em que a personagem mulher é vítima do despotismo hediondo dos vilões homens. Tal enredo é apresentado em *O Castelo de Otranto* de Horace Walpole em que Isabela é a donzela, vítima do desejo funesto de Manfredo, um homem de posição social elevada que a persegue com a pretensão de casar com a jovem.

Em *Úrsula*, obra pertencente a vertente do gótico feminino no Brasil, o mesmo tipo de questão problema é abordada: a jovem donzela, em perigo, tenta fugir das garras de um poderoso homem que impõe sobre ela o casamento. Em ambas as tramas, assim como a maior parte dos enredos da literatura gótica feminina, o matrimônio poucas vezes é representado como um final feliz (WILLIAMS, 1995, p. 140).

Sendo uma característica inerente ao gênero, pois o matrimônio é uma forma de imposição do homem à mulher no século XVIII e XIX – em que surge o gótico feminino. É uma representação do poder e da violência do gênero masculino em

detrimento de gênero feminino, já que os casamentos, em maioria arranjados tratavam de colocar a mulher em uma situação de cativa ao seu cônjuge, sendo submetida a violência e sem direitos para recorrer.

É por meio do sobrenatural e imaginário, de um gênero à margem, que a voz feminina ganha sua força para expor uma realidade de preconceitos e de violência. Os crimes, as transgressões e os tabus, os assassinatos sangrentos, a fantasmagoria e a loucura característicos do gótico literário aparecem com recorrência nas narrativas dessas escritoras, cujas obras só agora passaram a ter o devido reconhecimento por parte dos estudos literários brasileiros [...] (MUZART, 2008, p. 299-300 in SANTOS, 2017, p 89).

Nesta passagem, Muzart, através de sua pesquisa em seu livro denominado “Escritoras brasileiras do século XIX”, que busca resgatar escritoras *mulheres* do século XIX – mantidas à margem da literatura canônica, se refere às escritoras oitocentistas que utilizam elementos de horror e terror com frequência em suas narrativas e que por um longo período não tiveram reconhecimento merecido. É importante salientar também o apagamento das autoras mulheres na literatura, considerado um espaço destinado somente aos homens, como pontua Santos:

O apagamento da literatura de autoria feminina dos registros históricos em diferentes países e em diferentes épocas deve-se em grande parte ao meio literário ser predominantemente masculino e resistente à participação das mulheres (SANTOS, 2022, p. 74).

O preconceito de gênero contra as mulheres, manteve histórias como as de Maria Firmina dos Reis condenadas à penumbra do esquecimento acadêmico e popular. Mantendo-a com outras autoras à *margem da margem* da literatura.

3 QUEM FOI MARIA FIRMINA DOS REIS

Conforme registram seus biógrafos Nascimento Morais Filho (1975) e Agenor Gomes (2022), Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, capital do estado do Maranhão, em 11 de outubro de 1825. Filha de escrava alforriada, Leonor Felippa dos Reis e sobrinha de Sotero dos Reis, professor, gramático e filólogo que pertence ao ramo branco da família, possuía forte atuação nos círculos letrados da capital maranhense.

Maria Firmina foi professora da escola primária e ao se aposentar no início de 1880, fundou a primeira escola mista e gratuita do Maranhão, também uma das primeiras do país. Tal inovação, foi polêmica no país, obrigando a suspender as atividades depois de dois anos e meio.

Segundo Zahidé Muzart (2000, p. 264), “Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *O Federalista* e outros” com a publicação de poesias, ficção, crônicas, enigmas e charadas.

A escritora também participou ativamente como cidadã e intelectual ao longo de seus noventa e dois anos dedicados à leitura, escrita e ensino. Trabalhou como folclorista recolhendo e preservando importantes obras culturais e também teve a ocupação de compositora, sendo responsável por compor um hino em louvor à abolição da escravatura.

Além de seu pioneirismo na escrita gótica feminina, ela também é uma pioneira a criticar e delatar as más condições em que viviam as mulheres e os negros no Brasil.

A importância da obra de Firmina, primeira escritora negra de que se tem notícia em nossa literatura, se deve ao pioneirismo na denúncia da opressão a negros e mulheres no Brasil do século XIX. Antes do *Navio Negreiro* de Castro Alves, declamado pela primeira vez em 1868, Firmina já descrevia em seu livro *Úrsula*, de 1859, a crueldade do tráfico de pessoas sequestradas na África e transportadas nos porões dos “tumbeiros”. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 6).

O trecho acima consta na apresentação da publicação póstuma da coletânea das obras de Maria Firmina pela Edições Câmara, em 2018. E evidencia a importância literária da autora.

4 ANÁLISE DA OBRA

A obra analisada neste trabalho trata-se de um clássico da literatura gótica brasileira feminina. Retrata a realidade brasileira do século XIX, com as dificuldades sociais inerentes à época, apresentando em seu enredo as injustiças da escravidão e a dominação patriarcal do coronelismo vigente.

Úrsula, romance de Maria Firmina dos Reis, narra o amor impossível entre Úrsula - uma jovem órfã - e Tancredo - um valente jovem - que enfrentam barreiras para consumar seu amor e viver “felizes para sempre”. Tais barreiras são impostas pelo tio de Úrsula, o Comendador Fernando P..., que, com crueldade, utiliza a violência moral, física, matrimonial e psicológica para conquistar a jovem garota.

Paralelo a este entrave as histórias dos escravos Susana e Túlio, pertencentes à fazenda da mãe de Úrsula, posteriormente dominada pelo Comendador, são contadas.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 71)

Susana, uma forte senhora escravizada pelo seu senhor comendador Fernando P, é uma personagem com passado, trazida à força da África para o Brasil para ser escravizada na fazenda do coronel. As passagens sobre a fatídica viagem descrevem de forma minuciosa e sensível a realidade cruel dos navios negreiros que transportavam povos africanos sequestrados de sua terra em péssimas condições,

até o Brasil para ser utilizados como mão de obra escrava e mantidos em cativeiro sob condições desesperadoras.

Assim como Susana, Túlio, que foi retirado dos braços de sua mãe, também possui uma trágica jornada e um passado repleto da dor causada pela condição de escravo:

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 19)

Susana e Túlio tentam ajudar o casal Tancredo e Úrsula a ficarem juntos, acobertando a fuga dos amantes do temível Fernando P..., o que os coloca em situações de risco e com fatais consequências inferidas pelo vilão principal, o Comendador. Acarretando a morte dos dois personagens que protegem o casal até o fim derradeiro de suas vidas.

O enredo é contado a partir de três diferentes tríades, sendo eles familiares e amorosos como os triângulos entre Úrsula, Tancredo e Fernando P., Tancredo, seu pai e sua amada Adelaide e a tríade composta pelos personagens negros escravizados Túlio, Suzana e Antero (KAMILAH CARRIÇO SANTOS, 2021, p.1). Dentro dessas tríades, são os oprimidos - mulheres e negros - quem exercem papéis de protagonistas, tendo falas em primeira pessoa entre as passagens do narrador onisciente em terceira pessoa, configurando-se ao preceito de que história é uma postura de narrar e se colocar ao lado dos oprimidos, segundo Walter Benjamin (1987, p. 222).

Tais personagens, vítimas do despotismo do Comendador, têm suas histórias narradas de forma simples, uma vez que os recursos linguísticos para a caracterização dos personagens, por exemplo, são intuitivos, valendo-se de termos fáceis e assertivos durante toda a narrativa “Úrsula ainda tão nova começou a vergar sob o peso de tantas comoções encontradas. Pálida e abatida, semelhava o lírio do vale, que a calma emurcheceu. Era débil para tão grandes embates” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 80).

Maria Firmina, como uma autora do gótico brasileiro, utiliza dos elementos góticos de valorização das narrativas com referências realista e de crítica social

conferidos por Hansen (1998), indica essas características do gótico para a realidade brasileira, apresentando uma crítica social sobre a escravidão e o despotismo dos senhores brancos para com as minorias.

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante! ... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão? (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 18)

Como comenta Tancredo sobre a relação de seu pai com sua mãe “[...] É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura.” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, P. 39-40).

Essas características se reconfiguram também nos principais elementos do gótico indicados João Pedro Bellas (2020), como o retorno ao passado - uma vez que o narrador retorna ao passado dos personagens, por exemplo, quando conta a história de Susana e como ela foi sequestrada para ser escravizada no Brasil:

[..] Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas [...] (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 70)

A personagem monstruosa - representado pelo horrendo comendador e tio da protagonista Úrsula “E Fernando P. furioso e com ímpeto subiu ao coche, e apareceu a suas vítimas sinistro e ameaçador, como o anjo deve-o ser no dia do supremo Julgamento” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 125). - E o *locus horribilis* - paisagem sombria da fazenda do Comendador e das senzalas, adequados à realidade nacional:

Entretanto o *rico sítio de Santa Cruz* oferecia aos jovens viajantes o mais belo panorama que se pode imaginar. Era sobre uma colina donde se gozava a poética perspectiva do campo, que a tinham colocado; a sua formosura era portanto natural; porque os renques de coqueiros, que se alinhavam, fazendo um semicírculo em frente da casa do comendador, e dos *ranchos dos negros*, a mão do tempo e o abandono do proprietário tinham reduzido a um penoso

estado de morbidez, que causava dó. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 98)

O romance maranhense *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, se destaca também como um importante documento histórico da época, uma vez que, traz com a formalização estética, a sociedade brasileira oitocentista, onde as minorias, os negros e as mulheres, eram reprimidas pelos homens tirânicos e considerados pessoas à margem da sociedade já que essas duas classes sofriam com a precariedade de direitos e com a violência de gênero e racial praticada pela parte dominante da sociedade.

Os negros acabavam apenas de tirar a sela ao cavalo fatigado, quando o comendador, descendo de um salto as escadas, foi-lhes golpeando com o chicotinho que trazia, e gritando:

— Eia, que fazem, animais! Outro cavalo imediatamente selado. E os meus dois pajens, que me sigam. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 105)

Em um ambiente de fazendas, casa-grande e senzala, a obra narra em terceira pessoa a vida de Úrsula após a morte de sua mãe, momento em que passa a ser perseguida pelo seu tio, o Comendador Fernando P.... Além da perseguição à jovem personagem, também é possível visualizar a violência racial cometida pelo personagem, configurado como um antagonista:

Ele tornara-se odioso e temível aos seus escravos: nunca fora benigno e generoso para com ele; porém o ódio e o amor, que lhe torturavam de contínuo, fizeram-no uma fera – um celerado. Nunca mais cansou de duplicar rigores às pobres criaturas que eram seus escravos! Aprazia-lhe os sofrimentos destes; (...) (MARIA FIRMINA DOS REIS, 1988, p. 98).

É nesse *locus horribilis*, entre casa-grande e senzala, que o vilão Comendador Fernando P... realiza seus atos funestos, perseguindo a jovem Úrsula seu *objeto* de desejo e utilizando a violência com quem se achesse a contrariá-lo em seus objetivos:

— Levem-na! – tornou acenando para Susana – Miserável! Pretendeste iludir-me... saberei vingar-me. Encerrem-na na mais úmida prisão desta casa,

ponha-se-lhe corrente aos pés e à cintura, e a comida seja-lhe permitida quanto baste para que eu a encontre viva. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 113)

As características funestas configuram a este antagonista o arquétipo de *pater-familias*, autoridade familiar “[...] O comendador estava afeito a mandar, e por isso julgava que todos eram seus súditos ou seus escravos.” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 105). Representando o patriarcalismo na sociedade brasileira e o coronelismo que devastavam as minorias sociais: mulheres e negros, projetando nessas vítimas todo o ódio de gênero e racial sem preocupações em ser punido, já que não havia autoridades ou a quem recorrer contra tais figuras.

— Não é possível! Embora ela o ame, não poderá resistir à minha vontade. E demais onde está agora esse insensato? Na comarca de***, quando voltar tudo estará feito: Úrsula será já minha esposa, e ele, resignado, ou esquecido, ou mesmo desesperado; mas respeitando minha posição social e meu nome, morrerá de inveja, embora amaldiçoando a minha felicidade. Mas, se pelo contrário!... Não é possível! Se pelo contrário, ai dele! (REIS, 2018, p. 97)

A passagem acima, apresenta a fala do comendador ao se deparar com a paixão de Tancredo e Úrsula, a quem pretendia se casar. É notável a arrogância e a imposição do seu desejo matrimonial à personagem da donzela, afirmando sua posição social como um vetor principal para tal imposição sobre a jovem. Ato comum na realidade brasileira oitocentista, em que homens de posições elevadas se valiam de seus títulos e posses para consumir seus desejos matrimoniais.

Ainda as casas dos escravos, que outrora tinham sido de um aspecto agradável, tapadas de barro e cobertas de telha, hoje mal representavam esse singelo asseio de outras eras. Já arruinadas, desmoronavam-se aqui e ali; porque os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não dispunham de uma só hora no dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite trabalhavam ordinariamente até o primeiro cantar do galo. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas de sono fatigado, que lhes concedia a dureza de seu senhor (REIS, 2018, p. 98)

Nos trechos que se seguem ao de declarada violência matrimonial contra Úrsula, a autora apresenta o espaço das senzalas na fazenda do comendador Fernando P., lugar em que os escravos eram torturados e mantidos em cativeiro,

sendo submetidos as cruéis condições impostas pelo comendador que fazia questão de ser extremamente cruel com seus cativos.

Somando a esse exemplo, há questões de gênero, etnia e classe atreladas à trama. Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, conta a história da jovem Úrsula, que após ficar órfã, é perseguida por seu tio, o Comendador Fernando P. um fazendeiro rico e poderoso que tem tudo o que quer em mãos se valendo de meios violentos para conquistar o que almeja. No caso, Fernando deseja casar-se com a jovem, mesmo contra a vontade dela.

Fernando, homem estúpido e orgulhoso, não sabendo sequer exprimir seus próprios pensamentos, e não querendo confiar a alguém que ele julgava inferior a si pela posição, e pelo nascimento – única tábua de salvação, a que se pegava em seu naufragar contínuo de completa ignorância – tinha ido à cidade, suposto que ralado de mortais desconfianças, arranjar os papéis da mais absoluta necessidade, ou para fazer-se incontinentemente esposo de Úrsula, no caso de ainda encontrar viva a mãe desta menina, ou para, constituído por esta senhora tutor de sua filha, esta não poder escapar à sua vigilância, nem à sua paixão. Como ainda este erro seu era grosseiro! Úrsula podia deixar de aceitá-lo por tutor, e, ainda aceitando-o, recusar-se energeticamente a ser sua esposa. O comendador estava afeito a mandar, e por isso julgava que todos eram seus súditos ou seus escravos (REIS, 2018, p. 104 e 105).

Além de Úrsula, Tancredo, seu namorado, também é perseguido pelo Comendador, dificultando que o amor entre os dois jovens seja consumado. Nesta trajetória dos dois amantes é possível perceber o rastro da violência contra mulher em todos os seus tipos: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Todas proferidas pelo perseguidor da órfã, que também violenta os escravizados, entre eles, Susana, uma senhora negra, morta a mando do terrível Comendador.

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de Tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto dos meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 71).

Através desse antagonista e símbolo patriarcal e escravocrata, se destaca a intenção de crítica e denúncia de Maria Firmina à figura do *pater-familias* oitocentista. O que implica em um romance que posiciona em toda a obra o homem branco, poderoso como o verdadeiro mal da sociedade e vilão para as classes oprimidas. Conversando com a cruel realidade do século XIX, repleto de vilanias contra as mulheres e os negros: “É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” (2018, p. 71.)

Nesse enredo, há uma característica que tem suas origens no gótico feminino setentista europeu: *virtue in distress*. Esse conceito é explicado por Ana Paula Araújo dos Santos e Júlio França (2017, p. 3), como “o clímax narrativo retrata o confronto entre o bem, representado pela personagem feminina, e o mal, encarnado na figura do vilão gótico.” Essa característica é uma especialidade na literatura gótica de autoria feminina para produzir o medo estético no leitor pelas situações específicas, vivenciadas pelas mulheres, vítimas das perseguições dos vilões tirânicos e violentos que utilizam de seu poder para controlar e consumir seu desejo pela vítima feminina. Conforme Punter (1996, p. 52) as escritoras do gótico apresentam enredos “em que as mulheres estão em constante perigo, quase a despeito de sua posição social ou de sua importância histórica, um mundo em que os homens, enquanto protetores, passam quase naturalmente da gentileza ao estupro”.

Com isso, é por meio da figura vilanesca do comendador Fernando P. que Maria Firmina dos Reis denuncia e critica o homem branco que aterroriza as minorias sociais e é o principal responsável pelos males que enfrentam os negros e as mulheres na sociedade oitocentista.

5 OS PROTAGONISTAS

As personagens de *Úrsula* são descritas de forma simples, apesar de profundas, e possuem papéis fáceis de serem interpretados como vilões e mocinhos. Não apresentam grandes complexidades no que se diz respeito a profundidade psicológica - os protagonistas são sempre de bom caráter e os antagonistas apresentam um mal caráter - o que ressalta o tom de crítica aos papéis dos personagens antagonistas, colocando o vilão como um mal iminente, descontrolado sem razões aparentes contra quem representa o bem na obra “E Fernando P. furioso e com ímpeto subiu ao coche, e apareceu a suas vítimas sinistro e ameaçador, como o anjo deve-o ser no dia do supremo julgamento” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 125).

Os protagonistas da narrativa são compostos por personagens que representam duas classes sociais oprimidas: as mulheres e os negros. Úrsula, representa a classe das mulheres e Susana e Túlio a dos negros, reprimidos pelo autoritarismo do representante do patriarcalismo: Fernando P.

Susana compõe a peça chave para a crítica à escravidão, ela e Túlio possuem diálogos profundos que revelam, a indignação com o sistema escravocrata vigente, “A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 71).

Também, por meio dos personagens Úrsula e Tancredo, um jovem branco de classe elevada que teve oportunidades de estudo, que há o contraste em relação a sociedade da época, uma vez que Tancredo, assim como Úrsula abomina a escravidão:

— Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos.

Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosseguiu – tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu sofrer, e eles que o não compreendem! Mas, Túlio, espera; porque Deus não desdenha aquele que ama ao seu próximo... E eu te auguro um melhor futuro. E te dedicaste por

mim! Oh! Quanto me hás penhorado! Se eu te pudera compensar generosamente... Túlio – acrescentou após breve pausa – oh dize, dize, meu amigo, o que de mim exigis; porque toda a recompensa será mesquinha para tamanho serviço. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p.21-22)

Este fato na narrativa distancia os dois amantes de sua classe privilegiada, pois não seguem os padrões racistas e discriminatórios da maioria. E por meio desses personagens, a autora aborda a possibilidade de relacionamentos e amizades interraciais, desafiando as normas sociais e questionando o preconceito racial arraigado.

5.1 Úrsula, a donzela.

Úrsula, a protagonista e “mocinha” da história, possui aspectos que conferem a ela o papel de donzela:

Era ela tão caridosa... Tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corsa, vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 24).

A personagem representa a vulnerabilidade do arquétipo da donzela - menina indefesa, doce, caridosa, infantil, sonhadora e que ainda não amadureceu.

E o nome enfim estava completo, e ela pôs-se a soletá-lo com um enlevo próprio da sua idade, e que só as almas apaixonadas podem compreender, quando o som desagradável, e medonho de um tiro de arcabuz, disparado bem junto dela, a veio arrancar a esse recreio do espírito e a fez estremecer convulsa e dar um grito involuntário.

Espavorida, e meia morta de terror, ia ela alevantar-se, quando uma avezinha, uma infeliz perdiz, como que implorando-lhe socorro, veio, ferida e agonizante, cair-lhe aos pés. Movida de compaixão, desvaneceu-se-lhe por encanto o pavor que o som do tiro lhe incutira na alma e, tomando a pobrezinha em suas mãos, por excesso de bondade levou-a ao peito. Um rastro de sangue lhe nodou os vestidos alvíssimos de neve. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 74).

Tal arquétipo é recorrente na literatura gótica, como a protagonista de *O Castelo de Otranto* (1764), Isabella.

Já lhe disse- avisou Manfredo raivosamente - para se esquecer daquela mulher: de agora em diante, ela deve ser uma desconhecida para você, assim como será para mim. Em resumo, Isabela, uma vez que não posso lhe dar meu filho, eu ofereço a mim mesmo (WALPOLE, 1994, p. 42 - 43).

Essa relação, além de conferir e comparar as duas obras góticas, também definem um certo “modus operandi” da escrita gótica e na forma de denunciar vilanias, já que as duas personagens góticas se encaixam em uma classe marginalizada e que deveria se submeter a seus futuros esposos autoritários.

[...] muito jovem, muito inexperiente e de constituição física e mental tão delicada que desmaia diante de qualquer investida sexual; essencialmente passiva, antes do casamento não sente nada por seu admirador – assim é Pamela, assim é a maioria das heroínas de ficção até o final da era vitoriana (WATT, 2010, p. 171)

No entanto, em ambos os casos as figuras femininas não se deixam dominar pelas vilanias e ameaças violentas de seus vilões, não se rendendo ao desejo perverso desses. Enquanto Isabella foge pelos túneis do Castelo de Otranto, Úrsula foge pela mata entre as fazendas e se abriga em um convento. As duas personagens, que correspondem ao ideal romântico de donzelas, procuram e lutam para conquistar o que querem ou o que não querem.

Úrsula é uma figura que tem compaixão pelos escravizados nas fazendas, o que confere um aspecto de consciência e de “mulher virtuosa”, caráter e benevolência da protagonista. Ela também é constantemente atacada pelo controle patriarcal vigente, já que é obrigada a se casar com quem deveria protegê-la, seu tutor Fernando P. Assim como a maioria das mulheres oitocentistas, ela não possui a autonomia para escolher seu próprio destino e seu próprio noivo, é coagida por meio da violência moral, psicológica, física e matrimonial a se casar com Fernando, seu tio e tutor que deveria protegê-la, e para que o casamento se concretize o vilão mata seu parceiro Tancredo por quem Úrsula estava apaixonada e escolhera se casar “Úrsula confessou a si mesma, que aquilo que sentira, era verdadeiro e ardente amor.” (MARIA FIRMINA

DOS REIS, 2018, p. 35). O que a deixa em profunda depressão e confusão mental ao longo da história.

Em uma de suas formas de enredo mais recorrente, a protagonista da ficção gótica é vítima de atos pretéritos, nem sempre por ela perpetrados, e precisa enfrentar seu passado como condição para recuperar o controle de seu presente e a esperança em um futuro melhor. (FRANÇA, 2016, p. 2493)

França esclarece a maneira como a protagonista gótica busca sua própria liberdade apesar dos atos de violência do vilão. Em *Úrsula*, a donzela em perigo enfrenta seu tio, o responsável pelas desgraças em sua família - a morte de seu pai e o sofrimento de sua mãe.

5.2 Susana e Túlio, os escravos

Susana e Túlio representam os negros escravizados no século XIX, Maria Firmina dá ao leitor algo inédito à época: a humanização dos personagens negros. A visão crítica e individualizada dos dois personagens expressa a realidade africana no Brasil.

A personagem Susana é uma senhora negra escravizada na fazenda do comendador Fernando P. e de Luísa B., mãe da jovem Úrsula.

Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 67 e 68).

Ela ganha espaço no capítulo, denominado *A preta Susana* em que é contada sua história, inclusive sobre como chegou ao Brasil:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida

passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 71).

Este importante relato da personagem atribui a ela memória e também opinião crítica sobre sua condição de escrava.

Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: – escravidão?!... E, entretanto este também era livre, livre como pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios da sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, e a alma lho compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África... E a realidade opressora lhe aparece – é escravo e escravo em terra estranha! Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte e a tamareira – foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento, como ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! Ela não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos (MARIA FIRMINA DOS REIS, 1988, p. 35, 36).

Neste trecho, no início da obra, o narrador principal expõe suas considerações ao sistema escravista. Susana, apesar de ser grata a Luísa B. e a Úrsula, não perde sua memória em relação a sua liberdade

O senhor Paulo B. morreu, e sua esposa e sua filha procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas! Túlio, meu filho, eu as amo de todo o coração, e lhes agradeço, mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – Meu marido, minha filha, minha terra... Minha liberdade... (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 72).

Configurando, mais uma vez, o senso crítico a respeito do crime cometido contra ela.

Assim, também é Túlio, um personagem repleto de memória e críticas ao sistema imposto a ele.

[...] O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde – dissemos – se revoltava, porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!... (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 18)

Além disso, tais personagens também sofrem com a violência empreendida pelo terrível comendador Fernando P., sendo os dois mortos de maneiras brutais pelo senhor de escravos: “ponha-se-lhe corrente aos pés e à cintura, e a comida seja-lhe permitida quanto baste para que eu a encontre viva.” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p.113) diz o próprio comendador a seu empregado para castigar Susana; “Dois tiros de pistola disparados ao mesmo tempo ressoaram com pavoroso estampido, e Túlio não acabou a palavra!” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 124). Neste trecho o Fernando dá fim a vida de Túlio, antes que esse conseguisse avisar o amigo Tancredo.

Apesar da vilania e do poder que o comendador exercia sobre os escravizados, Túlio enfrenta-o apresentando ao leitor a manifestação e a revolta diante do bárbaro Fernando P.:

— Covarde! – bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto essa palavra insultuosa o poderia perder – Matai-me muito embora, estou em vosso poder; mas não me insulteis! Não, nunca espereis que proteja o assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão! (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p.120).

Esses personagens em *Úrsula* representam as diferentes experiências vivenciadas pelos afrodescendentes na sociedade escravista brasileira. Maria Firmina dos Reis utiliza suas histórias para explorar questões de identidade, liberdade, preconceito racial e resistência. A obra dá voz a esses personagens marginalizados, destacando sua humanidade e luta por dignidade em um contexto de opressão. A africanidade, perspectiva ideológica e aversão ao regime escravocrata dos personagens negros na narrativa se destoa do ideal escravocrata do século XIX.

6 O VILÃO E A DENÚNCIA

A figuração do mal em *Úrsula* é representada por dois vilões de igual posição social. Paulo B, pai de Úrsula e o pai de Tancredo e tio de Úrsula, o comendador Fernando P. Estes vilões chegam a cometer crimes bárbaros no âmbito doméstico contra sua família, o pai de Tancredo é responsável por tomar a noiva do filho e causar o sofrimento e a morte da mãe do jovem mancebo:

Não sei por quê; mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, P. 39-40).

Já o pai de Úrsula, Paulo B. além de ser violento com os escravos, também fez a mãe da jovem sofrer com suas vilanias:

[...] Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 62).

Ambos exercem os papéis de *pater-familias* dentro das relações da narrativa e são responsáveis pela violência doméstica sofrida por suas famílias, que de acordo com Menon (2007) possuem elementos que assemelham-se ao tirano gótico.

E ainda, os dois vilões possuem o destino entrelaçado, já que Paulo B. é assassinado por seu cunhado, Fernando P.:

Pobre menina! Correu sem tino, e sem consciência do que fazia, porque acabava de reconhecer em seu tio o caçador, cuja voz e cujas expressões não podiam ser esquecidas. Seu aspecto, suas ameaças, seu amor violento e libidinoso já o tornavam repelente, e agora via nele Fernando P., o perseguidor de sua mãe e talvez o assassino de seu pai!... (MARI FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 86).

Fernando P. é o grande antagonista que permanece durante toda a trama cometendo atrocidade àqueles que se opõem a sua perversão. Além de ser a causa do sofrimento de Tancredo, seu próprio filho, ao tomar sua noiva Adelaide o vilão volta a desejar a amada de seu filho, dessa vez Úrsula. Esta repetição na trama é analisada por Crawford como uma característica gótico:

A repetição no Gótico parece, portanto, representar o modo como eventos traumáticos continuam a reverberar, com frequência e por um longo tempo, nas mentes daqueles que foram traumatizados por eles mesmo após esses eventos chegarem ao fim: em um nível metafórico, todas essas recorrentes perseguições, os repetidos assassinatos, as ressurreições vampíricas, representam o hábito com que cenas de terror individuais costumam retornar de novo e de novo nos pensamentos e nos sonhos daqueles que sofrem por conta delas. Um trauma pode ser o progenitor de muitos pesadelos. (CRAWFORD, 2010, p. 4).

Neste trecho também é possível relacionar aos traumas deixados nas vítimas do vilão gótico Fernando P. que vivem sob a sombra do medo do reaparecimento do vilão, seja nas senzalas, na vida de Tancredo ou nos pesadelos de Úrsula.

O comendador é representado como um homem rico, poderoso, dono de fazendas e que possui uma posição de prestígio onde vive, já que é respeitado e temido pelos demais personagens da narrativa. Conforme Menon:

De fato, a figuração desse vilão aproxima-se muito àquela esboçada pelo gótico. Vários dos elementos presentes no século XVIII, como a aristocracia, a tirania, a perseguição a parentes, a crueldade e a esperteza da personalidade encontram-se em Fernando P...; unem-se a isso, ainda, alguns elementos nacionais, como o fato de ele ser um senhor/torturador de escravos, as paragens brasileiras por onde se empreendem fugas e perseguições (MENON, 2007, p. 133).

A caracterização desse vilão também é sempre atrelada a um caçador animalesco, assim como afirma Menon “diversas vezes ao longo do romance, as reações esboçadas pelo vilão são violentas e assemelham-se à irracionalidade de um animal, pronto a despedaçar a sua presa” (2007, p. 133). Na narrativa, Fernando P. é diretamente associado à figura do tigre, animal que espreita sua presa e não desiste fácil de seu objeto de desejo, conforme consta no trecho “O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! [...]”

(REIS, 2018, p. 86) e em “Levantou-se com ímpeto, e como um tigre que se arremessa à presa ia cair sobre a infeliz Susana [...]” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 107).

Além da caracterização animalesca, toda a caracterização do vilão principal é feita por meio da poética gótica: “E Fernando P. furioso e com ímpeto subiu ao coche, e apareceu a suas vítimas sinistro e ameaçador, como o anjo deve-o ser no dia do supremo julgamento” (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 125). Atribuindo ao vilão o aspecto aterrorizante e sobrenatural.

O comendador também empreende suas forças para a vingança contra a desobediência de suas vítimas, matando o marido de sua irmã que se casou contra sua vontade ou perseguindo *Úrsula* quem o rejeitara.

Úrsula podia deixar de aceitá-lo por tutor, e, ainda aceitando-o, recusar-se energeticamente a ser sua esposa. O comendador estava afeito a mandar, e por isso julgava que todos eram seus súditos ou seus escravos. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 105).

Pretendendo manter sua sobrinha sob seu domínio de uma forma ou de outra (ANA PAULA ARAÚJO DOS SANTOS, 2017). E mesmo com a fuga de *Úrsula* para um convento com a ajuda de seus amigos Susana e Túlio, onde casa-se com Tancredo, ainda assim é perseguida implacavelmente por Fernando que assassina seus três aliados.

A respeito disso, Menon (2007) assegura o enredo arquetípico do gótico na fuga da heroína do casamento forçado com vilão. Também com o desfecho trágico, típico das narrativas góticas. Assim, como ocorre no desfecho de *Úrsula* em que a protagonista acaba ficando sozinha, com todos os seus queridos assassinados, e louca.

Assassino de Tancredo, de Túlio, de Paulo, e de Susana! Monstro! Flagelo da humanidade, ainda não saciastes a vossa vingança? Ah! Humilhado e em nome de Deus, pedi-vos mercê para os infelizes, salvação para a vossa alma. Desdenhastes as minhas súplicas! (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 126).

Após o triste fim dos protagonistas, há um epílogo em que fica clara a indignação do narrador com a injustiça a que foram submetidas as vítimas fatais do comendador, que não pagou judicialmente por seus crimes:

Dois anos eram já passados sobre os tristes acontecimentos que narramos, e ninguém mais na província se lembrava dos execrands fatos do convento de *** e da horrenda morte de Tancredo. A justiça, se a pintam vendada, completamente cega ficou, e os assassinatos do apaixonado mancebo e do seu fiel Túlio impunes. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 126).

A partir das passagens sobre a fazenda do comendador é notável seu desmazelo cruel com os escravizados:

Na casa do trabalho, muito mais frouxa lobrigava-se ainda a escassa luz de um lampião: os negros tinham recebido novas tarefas, empenhavam-se por acabá-las. Desgraçados! Não eram eles que trabalhavam por acabá-las – era o novo feitor, que com azorrague em punho ao som dos estalos os despertava. E já nem uma lágrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume aos lábios – eram mudos; estorciam-se com a dor da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuar o serviço, e logo recaíam naquela penosa prostração, que revela a extrema fadiga de um corpo, que descai já para o túmulo, cansado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram. (MARIA FIRMINA DOS REIS, 2018, p. 110-111).

Nesta passagem, fica explícito a tortura e as condições péssimas em que os escravos da fazenda Santa Cruz, de Fernando P., são mantidos.

Com isso, Maria Firmina expressa através de Paulo B. e o comendador Fernando P., personagens góticos descritos por ela como sádicos e libidinosos, sua crítica social aos senhores escravagistas dentro e fora do enredo que com suas figurações e semelhanças a arquétipos sobrenaturais como o louco, o demônio e o tigre, utilizam de seus poderes sociais e econômicos de homens brancos em posições sociais elevadas para inferir seu ódio às vítimas, principalmente no âmbito doméstico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu averiguar a denúncia no antagonismo masculino em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis para analisar sendo importante para dar maior visibilidade a uma obra e documento histórico do gótico feminino oitocentista escrita por uma mulher negra, que contesta o modelo de sistema escravista e patriarcal de sua época por meio de seus personagens góticos e esta averiguação foi feita a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica.

Para se averiguar a denúncia de Maria Firmina à tirania dos coronéis em posição de *pater-familias* no antagonista gótico de sua obra, definiu-se os três objetivos específicos: pontuar e conceitualizar os elementos góticos na obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, analisar as personagens principais da narrativa e principalmente trazer e analisar os elementos góticos presentes no papel do antagonista que conferem a crítica social.

Após apontamentos e conceitualização dos elementos góticos na obra, verificou-se que a presença das características da vertente feminina do gótico na literatura contribuem para a crítica social, já que essa vertente busca expor os desafios da mulher na sociedade, como a violência sofrida por estas. Depois, a partir da análise das principais personagens da narrativa, pode-se ter um levantamento dos principais atributos de cada um e o que estes representam na narrativa, classe, gênero e raça. Assim, a análise permitiu a averiguação da denúncia presente no antagonista gótico de *Úrsula*, representante da classe dominante e déspota do século XIX.

Com isso, a hipótese de que Maria Firmina dos Reis utilizou o vilão gótico para criticar e denunciar a vilania e a violência de gênero e raça se confirmou pela presença de características cruciais do vilão da narrativa gótica e pelo papel de “coronel” e arquétipo de *pater-familias* do vilão comendador Fernando P. em detrimento das personagens Úrsula que representa a donzela, mulher em perigo; Susana e Túlio, os escravos que sofrem com a violência racial proferida pelo comendador.

Sendo assim, há de fato a denúncia de Firmina ao patriarcalismo dos coronéis, no antagonista gótico de sua obra. Em pesquisas futuras pode-se analisar com mais profundidade os elementos góticos e a crítica social presentes na figura do antagonista

e *Úrsula*, bem como a análise da crítica da autora ao modelo social vigente no século XIX.

Por fim, compreende-se que a obra *Úrsula*, além de ser um romance que entretém o ávido leitor com sua trama repleta de triângulos amorosos, aventuras e desavenças marcantes, é uma forma de contestação social, uma maneira de expor uma sociedade racista e patriarcalista e os problemas enfrentados pelas mulheres e negros diante da injustiça a que eram submetidos. É um enredo que revela a dor dos oprimidos e a denúncia ao opressor.

REFERÊNCIAS

- ALEGRETTE, A, Y. **Frankenstein**: uma releitura do mito de criação. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara – SP. 2010.
- BARROS, Fernando Monteiro de. **Do castelo à casa-grande**: o “Gótico brasileiro”, em Gilberto Freyre. In: Soletras, nº 27, São Gonçalo. RJ, jan./jun. 2014, p. 80-94. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/13050/10335>>. Acesso em: março de 2023.
- BARROS, Fernando Monteiro de; OLIVEIRA, Márcio Alessandro de. **O gótico brasileiro n’ “A orgia dos duendes”, de Bernardo Guimarães**. Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, Volume. 8, Número 3, setembro-dezembro, 2017. Disponível em:< <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3045/0>>. Acesso em: maio de 2023.
- BELLAS, João Pedro. **Gótico brasileiro: uma proposta de definição**. Organon, Porto Alegre, v.35, n.69, p. 1-15, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 1).
- BOTTING, Fred. **Gothic**. 2nd. ed. London: Routledge, 2014.
- BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 1996.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo, Ática, 1986. Série Princípios.
- CRAWFORD, Joseph. **Every night, the same routinell**: recurring nightmares and the repetition compulsion in gothic fiction. Moveable Type, v. 6, Nightmarell, 2010. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/moveable-type/sites/moveable-type/files/Crawford.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.
- FRANÇA, Júlio. **O gótico e o retorno fantasmagórico do passado**. Anais do XV Encontro ABRALIC. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 2492-2502.
- FRANÇA, Júlio. **“Gótico no Brasil”, “Gótico Brasileiro”**: o caso de Fronteira, de Cornélio Pena. Anais do XVI Congresso Internacional da Abralic -Circulação, Tramas & Sentidos 2018. Uberlândia, MG: Abralic, 2018. p. 1097-1103
- FILHO, Nascimento Moraes. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.
- GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2022.
- KILGOUR, Maggie. **The rise of the gothic novel**. London: Routledge, 1997.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 1991.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.

MARRA, Luísa. **Monstros e fronteiras**: manifestações do gótico em Úrsula e Uma história de quilombolas. Eixo Roda, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 193-219, 2022

MENON, Maurício Cesar. **Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira, de 1843 a 1932**. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Letras, UEL. Londrina, Paraná, 2007.

MOERS, Ellen. **Literary Women**. Garden City, New York: Doubleday & Company, 1976.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, vol. 1.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX**. In: Veredas – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Nº 10. Santiago de Compostela, 2008. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34485/1/Veredas10_artigo17.pdf>. Acesso em: novembro de 2022.

PUNTER, David.; BYRON, Glennis. **The Gothic**. Oxford: Blackwell, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Série Prazer de Ler, nº 11. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; Romance brasileiro por uma maranhense**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

REIS, Maria Firmina dos. **Cantos à Beira Mar**. São Luís do Maranhão, 1871, pags. 177-178.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **A tradição feminina do Gótico: uma descrição de formas e temas nas literaturas brasileira e de língua inglesa**. 2022. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) –Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **Gótico e escrita feminina**. In: Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840 – 1920). Rio de Janeiro: Bonecker, 2017a, pp. 53-76.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **O Gótico feminino na Literatura Brasileira: um estudo de *Ânsia eterna*, de Júlia Lopes de Almeida**. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2017b.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **Úrsula e a vertente do Gótico feminino no Brasil**. In: Revista Mulheres e Literatura Vol. 19. 1º semestre. 2017c. Disponível em: <<http://litcult.net/ursula-e-a-vertente-do-goticofeminino-no-brasil-ana-paula-a-dos-santos/>>. Acesso em: janeiro de 2023. s/p.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos; FRANÇA, Julio. **O páter-famílias como vilão gótico em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30159>> Acesso em: março de 2023.

SÁ, Daniel Serravalle de. **O romance gótico e as mulheres**: Questões de política sexual. Itinerários, Araraquara, n. 47, p. 13-23, jul./dez. 2018

SANTOS, Kamilah Carriço. **A afeividade e sentimento em Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 - Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos, 2021. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=6262.

Acesso em: maio de 2023.

VASCONCELOS, S. G. **Romance gótico: persistência do romanesco**. Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII. São Paulo: Boitempo, 2002.

WILLIAMS, Anne. **Art of Darkness: a poetics of gothic**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.